

HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA NO FUTEBOL DE MULHERES EM JACAREÍ/SP: PROBLEMATIZAÇÕES TRANSGRESSORAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ana Clara Bissoli de Lima 
Daniel Teixeira Maldonado 

RESUMO: O objetivo desse estudo foi compreender o futebol de mulheres da equipe formada no Ponte Preta Esporte Clube na cidade de Jacareí/SP, com a intencionalidade de produzir conhecimentos que possam ser problematizados na Educação Física Escolar. Foi realizada uma análise documental no Arquivo Histórico do município de Jacareí e uma entrevista semiestruturada com a ex-atleta Luci Rocha. O material empírico foi submetido à análise temática. Os temas identificados foram: o time de bairro que se tornou seleção e superou preconceitos por conta das jogadoras de futebol; Luci Rocha, a jogadora que driblou a ditadura; personagens importantes para a consolidação do futebol de mulheres na cidade de Jacareí; e momentos memoráveis para a equipe do Ponte Preta Esporte Clube.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Feminino. Relações de Gênero. Educação Física Escolar.

STORIES OF RESISTANCE IN WOMEN'S FOOTBALL IN JACAREÍ/SP: TRANSGRESSIONAL PROBLEMS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT: The objective of this study was to understand women's football from the team formed at Ponte Preta Sport Club in the city of Jacareí/SP, with the intention of producing knowledge that can be problematized in School Physical Education classes. A documentary analysis was carried out in the Historical Archive of the municipality of Jacareí and a semi-structured interview with former athlete Luci Rocha. The empirical material was subjected to thematic analysis. The themes identified were: the neighbourhood team that became a national team and overcame prejudices due to female football players; Luci Rocha, the player who circumvented the dictatorship; important characters for the consolidation of women's football in the city of Jacareí; and memorable moments for the Ponte Preta team.

KEYWORDS: Women's Soccer. Gender Relations. School Physical Education.

HISTORIAS DE RESISTENCIA EN EL FÚTBOL FEMENINO EN JACAREÍ/SP: PROBLEMAS TRANSGRESIONALES EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN: El objetivo de este estudio fue comprender el fútbol femenino del equipo formado en el Ponte Preta Deporte Club de la ciudad de Jacareí/SP,

con la intención de producir conocimientos que puedan ser problematizados en las clases de Educación Física Escolar. Se realizó un análisis documental en el Archivo Histórico del municipio de Jacareí y una entrevista semiestructurada al ex deportista Luci Rocha. El material empírico fue sometido a análisis temático. Los temas identificados fueron: el equipo de barrio que se convirtió en selección nacional y superó prejuicios por las futbolistas; Luci Rocha, el jugador que sorteó la dictadura; personajes importantes para la consolidación del fútbol femenino en la ciudad de Jacareí; y momentos memorables para el equipo Ponte Preta.

PALABRAS CLAVE: Fútbol Femenino. Relaciones de Género. Educación Física Escolar.

Introdução

A produção acadêmica sobre a participação das mulheres no esporte ocorre com diferentes recortes metodológicos na área de Educação Física, ganhando maior evidência na década de 1980 com a estruturação dos programas de pós-graduação no território brasileiro (Goellner; Martins, 2024).

Outro ponto de destaque nesse debate científico é a realidade das jogadoras que praticam o futebol no Brasil (Almeida, 2019; Biran, 2021; Martins; Silva; Vasquez, 2021), principalmente por conta das descontinuidades do aparato legislativo e das políticas públicas brasileiras, resistências das jogadoras para continuar vivendo de uma modalidade esportiva desvalorizada e resiliências delas para lutar pelo esporte, mesmo com tantos assédios e adversidades sofridas diariamente (Goellner, 2021a).

No momento atual que vivemos, muitas pesquisas sobre essa temática são evidenciadas na literatura, tais como o pertencimento de mulheres em projetos de futebol (Servadio; Altmann, 2023), a problematização sobre as condições de existência das mulheres no meio futebolístico (Nicolino; Oliveira; Rosa, 2024), o assédio vivenciado por torcedoras nos estádios e as estratégias para que elas se sintam mais seguras nesses espaços (Lopes; Dantas; Silva, 2024) e a importância do programa Bolsa Atleta para as jogadoras permanecerem disputando partidas de alto nível no mundo da bola (Âlcantara *et al.*, 2024).

Dessa forma, se torna extremamente relevante analisar o processo histórico do futebol de mulheres a partir do diálogo com personagens que participaram de competições oficiais ao longo do tempo nas diferentes cidades brasileiras, principalmente porque muitas pessoas ainda não conhecem a história da arbitrária proibição dessa prática corporal no Brasil, acarretando na invisibilidade de atletas que transgrediram as normas vigentes e continuaram praticando a modalidade nas margens da sociedade (Gama, 2018).

Bonfim (2023) argumenta que já durante o século XX meninas e mulheres brasileiras jogavam futebol publicamente e seus feitos foram registrados por jornais e revistas dessas épocas. No entanto, muitas experiências de resistência ficaram invisibilizadas, dificultando o reconhecimento das jogadoras e o acesso dessas vivências pelas novas gerações.

Nesse cenário, é importante ressaltar que a Educação Física Escolar é o componente curricular que possui a função social de ampliar a leitura de mundo dos(das) estudantes que frequentam a Educação Básica sobre os conhecimentos produzidos pela humanidade relacionados com as manifestações da cultura corporal (Maldonado; Silva; Martins, 2022), destacando a relevância dos atravessamentos de gênero que forjam a cultura das práticas corporais para construção de uma sociedade justa, equitativa e diversa (Dornelles; Wenez; Schwengber, 2013; Devide, 2017).

Essa compreensão sobre a área ganha notoriedade a partir do momento em que a cultura corporal passa a ser objeto de estudo dos professores e das professoras de Educação Física (Soares *et al.*, 1992). Recentemente, esse entendimento se fortalece com a sistematização do currículo crítico-libertador do componente (Nogueira; Maldonado; Freire, 2023), que defende a participação docente como um(a) intelectual transformador em seu contexto (Coelho; Maldonado; Bossle, 2021), produzindo projetos educativos que irão tematizar as práticas corporais e problematizar os marcadores socioculturais que atravessam

essas manifestações culturais de forma crítica e dialógica (Maldonado, 2024).

Portanto, na perspectiva de Maldonado (2021) e Bossle (2023), as aulas de Educação Física em uma perspectiva libertadora podem ser um espaço potente para que os(as) docentes problematizem os saberes de grupos que foram marginalizados e tiveram as suas histórias apagadas no âmbito das práticas corporais, permitindo o posicionamento de uma onto-episteme a partir da compreensão de corpo consciente.

Dialogando com essas premissas curriculares, intentamos com essa investigação analisar a vivência de mulheres no futebol em um contexto de proibição dessa modalidade esportiva para as mulheres, evidenciando os preconceitos e discriminações disseminados em uma sociedade conservadora, patriarcal e que controlava o corpo feminino naquele contexto histórico. Nesse contexto, os saberes produzidos nessa investigação acadêmica podem ser potencializados pelos(as) os(as) docentes de Educação Física nas escolas de Educação Básica que lecionam.

Assim, o objetivo desse estudo foi compreender o processo histórico de resistência do futebol de mulheres da equipe formada no Ponte Preta Esporte Clube na cidade de Jacareí/SP, com a intencionalidade de produzir conhecimentos que possam ser problematizados na Educação Física Escolar.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (SÁ-Silva; Almeida; Guindani, 2009). Na perspectiva de Lüdke e André (2003), a análise documental se constitui como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas ou desvelando aspectos novos de um determinado problema. São considerados documentos “quaisquer

materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano, sendo que a escolha do material de análise nunca é aleatória. Existe sempre alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando essa seleção.

Assim, essa pesquisa buscou respostas ao objetivo do estudo nos dados verbais e visuais disponíveis no Arquivo Histórico do Município de Jacareí, localizado na Rua Alfredo Schurig, 300 - Centro - Jacareí-SP e foi efetuada nas seguintes etapas: 1. Contato com a servidora do espaço solicitando todos os materiais (impressos e virtuais) relacionado com o futebol de mulheres na cidade de Jacareí; 2. Análise de todo o material sobre essa temática no acervo; 3. Leitura e seleção do material empírico; 4. Contato a ex-jogadora de futebol Luci Rocha para realização da entrevista semiestruturada.

Ao analisar os materiais encontrados no respectivo arquivo, percebemos a existência de muitas fotos de alguns times das mulheres residentes no Vale do Paraíba que praticavam futebol. Embora essas imagens estivessem datadas, não existiam informações suficientes que nos ajudassem a compreender o fenômeno estudado. Todavia, uma informação foi importante para continuar a investigação. Assistimos uma entrevista da ex-atleta Luci Rocha, que foi concedida para o programa “Gente em destaque” da TV Câmara de Jacareí e estava disponibilizada em um dos documentos do arquivo histórico¹. Importante ressaltar que esses materiais impressos estavam em pastas específicas sem uma contextualização histórica mais profunda, dificultando a análise documental até essa etapa da pesquisa.

A partir desse momento, foi realizada uma entrevista semiestruturada no formato presencial com Luci. O contato com essa colaboradora e convite para participar da pesquisa foi realizado pelas redes sociais.

¹ TV Câmara Jacareí. GENTE EM DESTAQUE | Luci Rocha (ex-jogadora de futebol) - Parte 1/3. YouTube, 17 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F-uDuXenurl>. Acesso em: 05 ago. 2023.

A entrevista é uma técnica utilizada por diversas áreas do conhecimento com objetivo de produzir informações sobre problemas humanos, sociais e culturais, tendo como característica o contato direto entre entrevistador(a) e entrevistado(a) (Bossle, 2008).

Antes do encontro para realização da entrevista, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pela participante, ressaltando a importância de ela guardar uma cópia do documento em seus arquivos.

Durante a aplicação da entrevista, o(a) pesquisador(a) esteve em posse de alguns materiais, como uma prancheta com as perguntas que foram realizadas para a participante e dois celulares *smartphones* com gravador de voz para gravar o diálogo. Foi informado para a colaboradora que poderiam surgir novos questionamentos a partir da sua fala que não estavam no roteiro inicialmente apresentado.

Os arquivos que Luci Rocha guardava sobre a sua história do futebol de mulheres no Vale do Paraíba foram cedidos pela participante para compor o *corpus* da investigação. Nesse momento, foram analisadas seis fotos com textos escritos e 13 reportagens das seguintes mídias (Jornal da cidade de Jacareí, Pontepetrano: órgão informativo do Ponte Preta Futebol Clube, A Gazeta e Folha de São Paulo). Todos esses materiais foram produzidos entre 1960 e 1970. Vale ressaltar que a participante explicou o contexto histórico de cada um desses materiais durante o momento da entrevista, possibilitando uma análise mais específica dos respectivos registros e a triangulação dos dados (Flick, 2009).

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de São Paulo sob o número CAEE 70417123.2.0000.5473.

O material empírico foi submetido à análise temática, que possibilita fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas. Portanto, a análise temática envolve a busca a partir de um conjunto de materiais, sejam

originários de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significados, a partir de um constante movimento de reflexão crítica (Braun; Clarke, 2006).

A análise foi organizada de acordo com as seis fases sugeridas por Braun e Clarke (2006). Na fase 1, nos familiarizamos com os dados, mergulhando no material com a intencionalidade de alcançar com profundidade e amplitude o conteúdo. Na fase 2, produzimos códigos iniciais a partir dos dados. Ao iniciar a construção dos temas, entramos na fase 3 da análise temática, que se efetivou quando todos os códigos estavam codificados e agrupados no conjunto dos dados. Durante a fase 4, revisamos os temas e os extratos codificados, produzindo um refinamento da análise. Assim, entramos na fase 5 com a definição e denominação dos temas. A fase 6 foi organizada pela escrita dos dados produzidos, fornecendo uma análise concisa, coerente e lógica.

As quatro categorias temáticas que serão discutidas como produção dos dados dessa pesquisa foram “o time de bairro que se tornou seleção e superou preconceitos por conta das jogadoras de futebol”, “Luci Rocha, a jogadora que driblou a ditadura”, “personagens importantes para a consolidação do futebol de mulheres na cidade de Jacareí” e “momentos memoráveis para o Ponte Preta Esporte Clube”.

O time de bairro que se tornou seleção e superou preconceitos por conta das jogadoras de futebol

É notório que o aumento da participação feminina no futebol faz-se recente devido a diversas sequelas deixadas ao longo do tempo, tal como a ditadura militar vivenciada no Brasil, que proibia legalmente a prática para as meninas, além de supostos estudos que “comprovavam” a fragilidade do corpo da mulher. Tais afirmações serviram como base para a construção do preconceito que perdura até os dias atuais e colaborou para o atraso do desenvolvimento do esporte para as atletas quando comparadas em relação a outros países. Todavia, as mulheres

nunca desistiram de exigir seus direitos e exercer suas vontades, pois mesmo em contextos precários, elas foram capazes de resistir (Goellner, 2021b).

Nessa perspectiva, o estudo busca evidenciar e vitalizar a história do time feminino do Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí que foi apto o suficiente para persistir durante o período ditatorial. A partir de dados produzidos, levantados e alicerçados em uma entrevista com a ex-jogadora da equipe, Luci Rocha, e em seu acervo cedido para fundamentos educacionais e científicos, identificamos que a trajetória das mulheres que brevemente constituíram uma das melhores equipes de futebol no Vale do Paraíba começou na Lavalpa em 1959 (atual centro empresarial da cidade) em virtude de algumas componentes do time que trabalhavam na empresa e conseguiram um campo provisório para a realização da prática.

Sim, primeiro tinha a história, né? Em frente ao cemitério, que nós começamos a jogar, aqui era uma escuridão, não tinha como jogar aqui, o campo do Ponte Preta ainda num, num estava pronto ainda, então a gente começou assim, arrumei a bola e nós fomos, umas amigas, nós fomos jogar no lugar que tinha luz que tinha eletricidade e era claro, né? Então nós começamos a jogar. Fizemos uns gols improvisados lá e começamos a jogar em frente ao cemitério e ali começou, nós começamos ali, só que daí as meninas trabalhavam na Lavalpa e elas conseguiram o campo, né? Pra gente ir lá e a gente foi pra lá (Luci Rocha).

Embora o espaço disponibilizado para as jogadoras tenha suprido todas as necessidades momentâneas, com o crescimento e desenvolvimento do time, tornou-se necessário que a realização do esporte fosse feita em um espaço melhor e mais elaborado. Desde modo surgiu a oportunidade de a equipe consolidar suas atividades no campo do Ponte Preta Esporte Clube. Portanto, se iniciava assim no ano de 1960 o que viria a se provir o time de futebol de mulheres do respectivo clube de Jacareí.

A priori, havia poucas jogadoras no time, mas à medida que a notícia foi se propagando, ocorreu o aumento do número de pessoas interessadas em participar do processo, pois era um esporte novo para o público feminino naquele território, afinal elas nunca tinham tido acesso a vivência dessa prática corporal. A dinâmica dentro de campo era respeitosa e simples, o técnico Geraldo Rocha² ensinou as atletas desde os aprendizados básicos, como chutar a bola até a instrução de como se situar na partida, em outras palavras, a ter visão de jogo. Naturalmente, por esses e outros motivos foi desmesurada a procura e disposição do coletivo feminino para aprender a jogar futebol, pois naquele espaço elas eram ouvidas e reconhecidas.

É importante salientar que o clube apenas propiciava o espaço, porém todos os gastos e investimentos eram bancados pelos treinadores, como pode ser observado no relato abaixo.

Então, o time do Ponte Preta era o seguinte, o time feminino quase não recebia ajuda nenhuma, ajuda nenhuma do clube, era muito pouco, cedia o campo, tá? E quando saia pra jogar fora, eles davam o ônibus pra ir, mas a gente levava lanche por conta da gente, era tudo por nossa conta. E a maior parte do material usado era o meu pai que comprava, que o Ponte Preta muito pouco dava, inclusive teve um jogo que nós fizemos em Taubaté, nós contra o Instituto Diocesano, nós tivemos que emprestar camisa do time da Fabaraço, que era uma fábrica aqui em Jacareí, e eles cederam as camisas pra nós jogarmos esse jogo, porque nós não tínhamos camisa (Luci Rocha).

Visto que o esporte feminino desde os primórdios nunca recebeu apoio ou investimentos necessários, vale ressaltar que problemáticas do século passado ainda se fazem recorrentes nos dias atuais, ou seja, a precarização da inserção de mulheres no esporte se formaliza presente (Goellner, 2005), posto que, uma parcela da sociedade possui ignorância sobre o tema, afinal mulheres sofreram e ainda sofrem preconceitos quando decidem participar de certas práticas corporais.

² Pai de Luci Rocha.

Procedendo em temáticas atuais e associado a história relatada, foi questionado a entrevistada como era a relação entre a equipe. A resposta consiste no trecho abaixo.

Se apoiavam bastante, eram muito unidas e nunca, que eu saiba assim, nunca houve assim uma desavença, sabe? Tudo, tudo muito unida, tudo amigas, né? (Luci Rocha).

É aliciador, quando comparado contemporaneamente, que embora constantemente seja pregado a rivalidade feminina, quando unidas a uma vontade maior, se torna muito difícil interromper a ambição de uma mulher. Prontamente, as mulheres são ensinadas a se enxergarem como rivais, ininterruptamente buscando aprovação, destaque e validação de olhares masculinos. Dessa forma, a sociedade enfatiza que elas são gananciosas e não confiáveis, porém tais qualificações caem por terra a partir do momento em que há uma força maior para combaterem o preconceito juntas, no caso o machismo. Destarte, é possível analisar outro trecho da entrevista sobre essa problemática.

Mais de mulheres, sabe? Elas tinham, elas tinham preconceito, elas falavam mais coisas, sabe? Quanto aos homens não, eles aceitavam o futebol, né? Eles estavam ali pra ver futebol, tá certo que era mulher jogando, né? Mas nunca saiu assim um palavrão, nunca saiu algo mais pejorativo, sabe? Não, nunca, de homem não, as mulheres às vezes falavam alguma coisa, mas a gente não dava tanta importância não (Luci Rocha).

É, eu toda vida tive contato mais com as meninas de futebol, né? Que jogavam futebol. É, eu nunca, elas nunca reclamaram assim que ouviram alguma coisa vindo de homem, sabe? De jogador, de homem não, elas reclamavam que às vezes algumas mulheres, se vê o preconceito de mulher contra mulher só porque, porque tá jogando futebol, coisa que é só de homem e você é uma pioneira e você tá ainda no começo do que virou tudo isso hoje, né? Então havia sim preconceito de mulher (Luci Rocha).

Ao decorrer do confronto gerado acima, a citação ratifica as afirmações, ou seja, mulheres são colocadas em divergências umas contra as outras há muito tempo. Em resumo, a elas lhes é ensinado o ódio e a aversão, dado que unidas conquistam muito mais, como também questionam e impõem seus valores e como devem ser tratadas, isto é, minimamente com respeito, o que pode ser observado diante da postura do time em relação a esses xingamentos vindo de suas semelhantes.

Paralelo a este cenário, a entrevistada foi questionada de como era recebido a ideia de mulheres em campo na concepção dos(das) familiares.

É difícil, difícil porque aquele tempo mulher não punha um short, não usava calça comprida, então, mas até que, pelo jeito, como começou aquilo dali, é, eu acho que evoluiu até muito rápido, porque pra um marido aceitar ficar no lado do campo assistindo uma jogar e outros homens também do outro lado do campo assistindo a mulher deles jogar de shortinho ali e tal, né? Foi muito difícil, teve muito preconceito (Luci Rocha).

Olha, por incrível que pareça, até os maridos apoiavam (Luci Rocha).

Até os maridos apoiavam, eles traziam elas no campo, tá? Traziam elas no campo e davam a maior força, cuidavam dos filhos do lado do campo (Luci Rocha).

Nesse cenário, registros jornalísticos da época reforçam a narrativa proferida por Luci Rocha sobre o apoio do núcleo familiar das atletas do Ponte Petra de Jacareí.

Enquanto isso, os próprios maridos e filhos das jogadoras continuam incentivando esposas e mães na prática do esporte³.

Em Jacareí, a maioria do time da Ponte Preta é casada e seus maridos até fazem questão de vê-las jogando. O marido da goleira Edite, por exemplo, joga no time

³ BIRUEL, Fernando. A bola pode igualar direitos em Jacareí, onde elas põem chuteiras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

masculino. E de vez em quando a leva para treinar com eles⁴.

O publico respeita as moças, não se ouve um palavrão no estadio, mesmo quando as visitantes estão ganhando. Até a vaia é difícil⁵.

Como pode-se refletir diante dos fragmentos verificados acima, é importante salientar, tendo em vista que o relato foi vivenciado em meio a ditadura militar no Brasil, que jogar futebol de mulheres era proibido por lei. Entretanto, analisar a postura dos maridos observando suas mulheres, como Luci mesma ressalta, “de shortinho” e realizando uma prática predominantemente masculina, pode ser considerado uma atitude vanguardista.

Certamente, devido a falta de material empírico, não se pode constatar como foi o processo de aceitação pessoal de cada indivíduo, pois o preconceito pairava de forma intensa na época de tal modo que criava crenças limitantes de cada pessoa, porém os frutos ocasionados desse processo evidenciam que a quebra de paradigmas é inevitável, uma vez que os homens são levados a aceitação, pois suas esposas não iriam desistir de fazer um esporte que proporcionava o seu bem-estar e acima de tudo transparecer do que são capazes.

Evidentemente no estudo constatado é relatada a história das experiências e aprendizados específicos do time de futebol de mulheres Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí, contudo essa se trata de uma compreensão da época a partir de um olhar individualista e pessoal da equipe, dessa forma outros times de outras regiões poderiam apresentar realidades totalmente diversas, logo, provavelmente a aceitação do público masculino em relação ao pioneirismo feminino no futebol foi recebida de variadas formas.

⁴ SILVA, Jose Campos. Nossas mulheres vão ao futebol. Para jogar. *A Gazeta*, São Paulo, 7 jan. 1970. p. 16.

⁵ SILVA, Jose Campos. Nossas mulheres vão ao futebol. Para jogar. *A Gazeta*, São Paulo, 7 jan. 1970. p. 16.

Novamente, como é natural do ser humano, tudo o que é diferenciado do tradicional inicialmente gera estranhamento, portanto mulheres assumirem um espaço que até pouco tempo era totalitário masculino é consequência de um preconceito já esperado, como declarado no arquivo e relato abaixo.

No principio, as jogadoras encontraram dificuldades, pois seus familiares achavam ridículo vê-las no campo de futebol, correndo atrás de uma bola, mas aos poucos foram se habituando e o time começou a receber convites para jogar em várias cidades, deste e de outros Estados⁶.

Eu nunca vi mulher jogar futebol desse jeito⁷.

Era, era assim, não era assim mal visto, mas como tudo o que é diferente que você começa aquilo dali, então existe o preconceito né? “Nossa, olha tá jogando futebol, como que pode?”, isso daí a gente ouvia, sabe? “Olha, jogando futebol, isso daí é só pra homem, não existe mulher jogando futebol, como é que, como é que elas podem tá fazendo isso daí?” Então era assim (Luci Rocha).

Logo, esse preconceito inicial é orgânico da sociedade, porém, é preocupante quando ele se perdura por anos e anos, como é o caso atual presente majoritariamente na vida das atletas.

Ao advir da temática sobre machismo e preconceito instaurado na sociedade, assim como atualmente, as mulheres administravam suas tarefas cotidianas como: cuidar da casa e dos filhos, trabalho em empresa, autocuidado e outras diversas responsabilidades, ademais ainda eram capazes de alocar tempo em suas rotinas para jogar futebol. Ou seja, desde décadas passadas, mulheres mesmo sobrecarregadas com suas tarefas eram e ainda são (atual geração de atletas) suficientes para lidar com todos os seus deveres e não desistirem de seus sonhos, mas acima de tudo de si mesmas.

⁶ BIRUEL, Fernando. A bola pode igualar direitos em Jacareí, onde elas põem chuteiras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., 1969. s.p

⁷ BIRUEL, Fernando. A bola pode igualar direitos em Jacareí, onde elas põem chuteiras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., 1969. s.p

Faziam tudo, jogava futebol, trabalhava em fábrica e cuidavam da casa e dos filhos (Luci Rocha).

Hoje, com treze anos de existência, acredita-se que se ja o time de futebol mais persistente do país, pois, apesar de as jogadoras possuírem compromissos com o lar ou nas fábricas, como operárias, dedicam boa parcela de tempo para os treinamentos táticos e físicos⁸.

Ao atentar-se para o fato de que todo o desenvolvimento do processo ocorreu durante a ditadura militar, mais uma vez destaca-se que a prática de futebol era proibida por lei, sendo assim as competições, campeonatos e treinamentos aconteciam de maneira discreta para não estorvar e nem chegar a conhecimento do governo federal.

É completamente proibido, não se podia jogar de jeito nenhum, mas a gente assim mesmo se arriscava né? (Luci Rocha).

A justificativa para a proibição é de que o corpo feminino é frágil e delicado. Em síntese, pelo futebol ser um esporte muito bruto, poderia ocasionar em infertilidade devido aos impactos no organismo da mulher. Recorrente aos estudos que se tem acesso hoje, tal teoria é comprovada falsa e que era somente usada para barrar mulheres de efetuar as mesmas atividades que os homens. Contemporaneamente, pode-se observar mulheres executando manifestações da cultura corporal dadas como muito mais abruptas que o futebol, como boxe (Cardoso; Sampaio; Santos, 2015; Mariane Neto; Wenez, 2022), judô (Souza *et al.*, 2015), artes marciais mistas (Fernandes *et al.*, 2015), futebol americano (Alencar, 2020), handebol (Andres; Goellner, 2018), escalada (Pereira; Souto Maior; Ramallo, 2020), corrida de aventura (Silva *et al.*, 2020), dentre outras práticas corporais, não obtendo nenhuma mudança significativa ou prejudicial em seu corpo.

⁸ BIRUEL, Fernando. A bola pode igualar direitos em Jacareí, onde elas põem chuteiras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

Por analogia, as atletas do período ditatorial buscavam utilizar argumentos como os apresentados acima, porém não eram tratadas com seriedade e relevância, sendo assim suas palavras eram compreendidas como desprezíveis aos demais.

Mas a falta de autorização continua a perturbar as atividades da equipe. Isso não desanima as atletas, que esperam ter no futebol uma espécie de equiparação de direitos. Elas dizem que a proibição não se justifica, embora concordem em que o futebol é esporte violento, “porém hoje as mulheres lutam judô, e no esporte-rei basta conhecer algumas malícias, através de treinamentos físicos e táticos dando-nos possibilidades de evitar os choques mais fortes”⁹.

Inquestionavelmente, o time de futebol de mulheres do Ponte Preta Esporte Clube – Jacareí, apesar de todas as dificuldades financeiras, preconceito e principalmente aflição em resistir, foi capaz de transformar a vida das mulheres que compunham a equipe, não somente a nível pessoal, mas a fim de externalizar para outras meninas e a sociedade que elas conseguiram conquistar além de títulos, o respeito que sempre mereceram desde o início de sua jornada.

Imagem 1 - Jogadoras de futebol do Ponte Preta Esporte Clube de Jacareí no final da década de 1960.



Fonte: Arquivo pessoal de Luci Rocha.

⁹ BIRUEL, Fernando. A bola pode igualar direitos em Jacareí, onde elas põem chuteiras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

Por fim, como última discussão a ser abordada, realça-se uma fala em questão relatada na entrevista.

Rendeu, rendeu, depois de uns seis meses já havia boas jogadoras, boas jogadoras. Teve várias jogadoras que marcaram um tempo, porque você sabe, eu falo que eu joguei futebol, eu conto a minha história, mas foi um todo, né? Foi o conjunto que fez aquilo dali, eu não joguei sozinha, né? Então, teve a Nilde, teve a Geni, teve a Araguaia, teve a Delina, uma grande goleira, teve a Edite, uma grande goleira também, era substituta, mas também jogou muito futebol. Então, foi um todo, um começo, tudo isso graças ao ensinamento do meu pai (Luci Rocha).

Percebe-se que Luci sempre em suas falas enfatiza o time como um todo, afinal as atletas compunham uma equipe unida, de certo todo o pioneirismo a ser reconhecido e admirado se solidificou coletivamente. Formaram-se nesse hiato mulheres fortes, capazes de impor à sociedade o lugar que almejavam ocupar, conquista de títulos, formalização de atletas engajadas e suficientes para trilhar um novo caminho, criando possibilidades para que meninas de novas gerações pudessem mostrar seu real valor e capacidade no esporte.

À guisa de conclusão, o futebol de mulheres do Ponte Preta - Jacareí rendeu por alguns anos após a saída da camisa 10 (Luci Rocha) no ano de 1970, devido ao fato de mudanças do cenário social das jogadoras. Naturalmente, o time acabou se distanciando aos poucos, todavia deixando um grande legado.

Elas, elas continuaram ainda por uns dois anos, continuaram ainda por dois anos, mas daí não sei se distanciaram, né? Distanciaram, foram distanciando, até pararam de jogar (Luci Rocha).

Colocar em evidência todos os preconceitos e discriminações sofridas por mulheres que vivenciavam e/ou vivenciam a gestualidade do futebol se torna um tema potente para ser problematizado na Educação Física Escolar, pois os tensionamentos de gênero e sexualidade que atravessam as práticas corporais são temas atuais e relevantes para a formação de jovens que valorizem as diferenças e não

questionem as desigualdades sociais existentes na sociedade capitalista (Mont Alverne; Maldonado, 2024).

Luci Rocha, a jogadora que driblou a ditadura

Imagem 2 - Imagem de 1960 com Luci, Edite e Zequinha, jogadoras do Ponte Preta Esporte Clube.



Fonte: Arquivo pessoal de Luci Rocha.

Ao adentrar-se nos estudos da história do Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí e com base no material disponibilizado para pesquisa, uma personagem que se fez presente em todo o curso do time foi Luci Rocha, camisa 10 e faísca inicial para o começo da equipe de futebol de mulheres, por esses e outros motivos, é possível concluir que a ex-jogadora faz justiça a ter um debate que esclarece sobre sua carreira na equipe e vida pessoal.

Semelhante a muitas meninas que possuem o desejo de se engajar no esporte, dentro de casa, Luci não tinha incentivo vindo por parte de sua mãe, assim como muitas mulheres da época, pois o pensamento dirigente era que moças deviam ficar em suas moradias realizando tarefas caracterizadas do lar como: bordar, cozinhar,

costurar, lavar, passar, etc. No entanto, o estímulo vindo de seu pai era totalmente contrário quando comparado ao lado materno, já que ele a ensinou as atividades dadas como masculinas: cuidar dos animais, dirigir, cuidar do plantio, mas principalmente fomentou nela o seu grande amor pelo futebol e que como pode ser observado, perdurou pela sua vida por longos anos.

E por lado da mãe não, eu ficaria em casa, bordando, costurando, lavando, passando, mas esse daí não foi o meu destino não, não foi não. Eu toda vida trabalhei com um homem, trabalhei com o meu pai, meu pai me ensinou tudo o que um homem faz, eu já dirigi trator, e dirigi, aprendi a dirigir, a minha carteira de motorista que eu aprendia a dirigir, eu aprendia a dirigir em um caminhão e foi assim, só trabalho pesado, só. Mas assim, é quando criança nem tanto, né? Mas é, o tempo todo era, era mais o lado do pai que influenciava, né? (Luci Rocha).

Inicialmente, a atleta morava em uma região afastada do centro urbano, porém em seu meio havia uma vizinhança ativa, desse modo brincar com as crianças do bairro era algo habitual na infância de Luci. Entretanto, entre as brincadeiras de rua realizadas estava o futebol, que sempre foi uma paixão na vida de Rocha, mas por outro lado, inaugurar-se no esporte foi um obstáculo, visto que os meninos não queriam deixá-la jogar. É importante salientar que essa foi a dificuldade de muitas jogadoras profissionais na atualidade e é um empecilho na vida de várias meninas até hoje.

O futebol, designado como prática masculina, quando se trata na inserção de mulheres no esporte é um desafio recorrente, pois além do preconceito transposto de gerações em gerações, e que pode ser evidenciado nas escolas, na rua ou em outros meios sociais de convívio (Schultz, 2021). Porventura, meninas precisam se justificar e convencer outros meninos que são boas o suficiente para serem aceitas no time. Seguidamente, outra inconformidade é inseri-las em escolinhas, devido ao fato de existir poucas escolas preparatórias do futebol de mulheres no cenário brasileiro. Portanto, problemáticas do século passado ainda

são vivenciadas nos dias atuais massivamente por diversas mulheres (Aguiar; Maldonado, 2021).

Bom, era tudo amigo né? Mas no começo eles não queriam eu no time, quando eu falei que ia jogar, porque eu era dona da bola, a bola era do time do meu pai, então é, “Luci empresta a bola”, eu falei “Empresta a bola como? Eu vou jogar, eu vou jogar”, “Não você não vai jogar, você não, nós não queremos menina no nosso time não”, “Então ninguém joga”, “Ai não, então você fica daquele lado de lá, aquele ataque lá e você vai atacar lá, aqui é a defesa, você fica pra lá, a gente não quer você no nosso time não”, mas tudo bem, jogava [...] (Luci Rocha).

Posto que, para mulheres serem acolhidas na prática futebolística era uma grande dificuldade, pois quando lhes era concedida a permissão elas davam valor a oportunidade e se faziam dignas diante da posição que ocupavam. Infelizmente, meninas ainda precisam se provar para a sociedade todos os dias, em outras palavras, mulheres necessitam de aprovação constante para permanecer em seus cargos sociais e profissionais, uma vez que sua integridade, eficiência e capacidade são questionadas pela estrutura social, pois observar o coletivo feminino em ponto de destaque é novidade e gera estranhamento aos demais.

Aí quando foi daí uns seis meses mais ou menos, uns seis meses, dava briga, porque aí eles queriam eu ou lá, ou aqui, “Não a Luci vem pra cá”, “Não a Luci vai pra lá”, “Aqui, nós queremos a Luci aqui”, “Não, mas ela sempre jogou aqui, vocês não queriam ela ai, como é que agora vocês querem ela aí?”, e assim foi, durante muito tempo, mas o futebol sempre foi a minha paixão (Luci Rocha).

Analogamente ao cenário exposto acima, em que mulheres requerem a validação do meio social para ascenderem nele, indubitavelmente falas preconceituosas são repetidas no âmbito social, sobretudo em espaços masculinizados, como o esporte. Expressões nas quais a mulher é dada como frágil, incapaz, ignorante e não ágil são replicadas todos os dias há muito tempo (Oliveira; Maldonado, 2020). Ao perguntar para Luci como ela recebeu esse machismo concretizado e lidou com a situação, foi dada a seguinte resposta.

Não, eu sempre levei assim, na brincadeira, sabe? No lado humorístico da coisa, sabe? Eu ainda falava, quando eu não falava nada que eu nem sabia por o pé na bola, ninguém me queria, agora vocês brigam por causa de mim? Agora vocês me querem aqui? Então, mas era assim (Luci Rocha).

Como pode ser compreendido, exclusivamente aplicado ao caso de Luci, ela não se incomodava com os comentários e sempre levava a conjuntura de forma lúdica e despreocupada, todavia essa é uma concepção individual da jogadora, ou seja, é um julgamento privado e que se baseia na criação, vivências e personalidade de Luci, por outro lado há outras abstrações a serem analisadas. Inquestionavelmente, essa se trata de unicamente uma história, porém há inúmeras mulheres que tiveram uma trajetória diferente e que ao sofrerem com falas machistas duvidando de seu valor e aptidão expiraram em si uma paixão que foi limitada por meio de fatores externos e por si só. Dessa forma, milhares de jogadoras de futebol brilhantes morreram sem um dia poder ter a oportunidade de despertar.

Ao inteirar-se a vida pessoal de Luci é perceptível a influência marcante de seu pai em sua vida. No contexto familiar, ela foi a única que lutou por vivenciar a sua maior paixão, o futebol, por essa razão ela era muito próxima de sua figura paterna, afinal eles compartilhavam do mesmo amor. Geraldo Rocha, sempre desenvolveu seus aprendizados com paciência, cuidado e inteligência, características que são refletidas em sua filha, tanto em questões profissionais como pessoais.

Eu, meus irmãos não sabiam pôr o pé na bola, não. Meu pai começou a me ensinar né? Eu comecei a jogar com os meninos depois meu pai começou a dar as dicas né? Como chutar bola? Como cobrar uma falta? Como cobrar um pênalti? E treinar muito cobrança de falta, então meu pai me ensinou tudo, ele rolava bola pra minha esquerda, pra eu correr e chutar a bola com o pé esquerdo, depois com o pé direito, assim. bola parada, cobrança de falta de fora de área, então quando eu chutava pro gol eu não errava um gol, nunca chutei uma bola fora, quer dizer algumas, mas foi muito difícil, eu sempre acertei o gol (Luci Rocha).

Notoriamente, Luci obteve um rumo de sucesso no esporte, em virtude de sua disciplina, dedicação e comprometimento com o futebol, adicionalmente aos ensinamentos do treinador, os frutos ocasionados foram positivos e concretos.

Foi em Resende, nós jogamos a noite lá, ganhamos de três a zero, eu marquei um gol de escanteio, um gol olímpico e depois o outro foi em Taubaté, quando o Vicente Feola veio, né? Como tinha acompanhando o time do São Paulo e depois ele foi, ele pediu né, se podia ir no vestiário conversar com as meninas lá. Ele foi lá no vestiário, cumprimentou todas nós, a vitória nossa contra o Instituto Diocesano por três a um e falou, pro meu pai, né? Falou, "nossa, se essa camisa dez fosse homem eu ia levar ela pra seleção brasileira" (Luci Rocha).

As reportagens jornalísticas da época evidenciam as vivências que Luci Rocha apresentou na entrevista, como é possível observar a seguir.

E Luci, meia-esquerda do Ponte Preta de Jacareí, são faladas em todo o Vale do Paraíba. Vicente Feola já foi ver Luci jogar. Ficou admirado. E Geraldo Rocha, técnico do Ponte Preta, diz que não é menos:

- Ela faz jogadas, que muito homem bom de bola não consegue¹⁰.

Em 1969, na cidade de Taubaté, o técnico Vicente Feola fez questão de cumprimentar toda a equipe, dizendo que "se aquela meia-esquerda fosse homem seria convocada para o selecionado nacional"¹¹.

Como é submetido nos fragmentos acima, a jogadora correspondia com as suas exigências e expectativas. Ao averiguar a situação de forma mais ampla e anexado ao cenário brasileiro em um governo ditatorial, Luci é admirável de inspiração. A luta da mulher existe desde que ela se entende por ser humano, a partir do momento em que uma menina nasce a ela é ensinado que não se pode sentar de

¹⁰ SILVA, José Campos. Nossas mulheres vão ao futebol. Para jogar. *A Gazeta*, São Paulo, 7 jan. 1970. p. 16.

¹¹ BIRUEL, Fernando. A bola pode igualar direitos em Jacareí, onde elas põem chuteiras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

perna aberta, porque é feio; não se pode jogar jogos violentos; que não se deve usar roupas muito curtas para não provocar nenhum menino e devem sempre ser femininas, delicadas e principalmente quietas (Louro, 2014).

Nesse sentido, muitas vezes as meninas são colocadas em uma posição na sociedade em que elas necessitam apenas servir e obedecer, é desestimulante observar mulheres com sonhos, potencial e ambição serem levadas a crenças limitantes de séculos e nunca poderem terem tido a oportunidade de serem mais, quererem mais, mas especialmente fazer mais pelas outras gerações.

O futuro é construído a partir das decisões tomadas no presente, logo ações realizadas do pretérito refletem no momento atual. Felizmente, em algum instante do passado, existiram mulheres como Luci, que não se deixaram acreditar no que lhe era imposto, pois souberam reconhecer seu valor e impor seus limites. Uma mulher que não aceita menos do que merece não é arrogante e convencida, mas sim capaz o suficiente de compreender no que suas ações um dia podem ocasionar.

Trata-se de atitudes corajosas e revolucionárias que abriram caminho para que as jovens atletas hoje possam ser quem são com menos medo de serem reprimidas, julgadas ou violentadas. Em suma, graças a mulheres fortes, inspiradoras e apaixonadas por suas vocações pelo esporte (nesse caso o futebol de mulheres), essas histórias de resistência e combate ao preconceito naquele contexto histórico podem ser colocadas em evidência (Goellner; Cabral, 2022a; Goellner; Cabral, 2022b). Por contrário, infelizmente, não foram todas que tiveram a propriedade de observar mulheres inspiradoras antes delas e terem a quem se inspirar.

Não, não, figura feminina não, porque haviam grandes jogadores masculinos, né? Mas feminino, não, não tinha, não tinha ninguém, porque a gente conhecia aqui, as do Vale do Paraíba, né? Não era inspiração pra ninguém não, mas no futebol masculino sim, a gente teve muitos grandes jogadores que a gente se inspirava também, né?

Eu me inspirei em Gilmar dos Santos Neves, mas naquele tempo havia Tostão, Garrincha, Didi, Vavá, sabe? Grandes jogadores mesmo, então (Luci Rocha).

Como pode-se testemunhar no relato acima, no período histórico em que Rocha sustentou o auge de sua carreira, existiam poucas referências femininas. Portanto, sonhar com o profissionalismo do futebol de mulheres era um objetivo quase impossível de ser realizado, pelo menos até aquele momento. A carência de uma figura feminina não fez de Luci uma atleta inferior a ninguém, porém a imagem de uma mulher trabalhando com um âmbito inédito da sociedade moderna faz atualmente meninas acreditarem que elas são capazes o suficiente para um dia obterem as mesmas experiências.

Paralelamente a essa afirmação, mulheres ao longo da história foram submetidas a sonhar com o impossível, para tornar esse sonho possível. Em outros termos, em diversos meios sociais o coletivo feminino pouco tinha sido representado, pois a sociedade fundamentava-se nas crenças de que mulheres não eram preparadas o suficiente para fazer determinadas atividades que incluíam mais esforço e certamente foram excluídas de uma parte de realizações. Desse modo, apenas a figura masculina prevaleceu por anos e anos, reafirmando a configuração do patriarcado no mundo.

Evidentemente, a falta de incentivo feminino proporciona a organização hierárquica privilegiada masculina contemporânea, ou seja, o homem acima da mulher. Tal estrutura social acomete que meninas tiveram muitos obstáculos para conquistar seus sonhos e oportunidades de ascender profissionalmente e socialmente, visto que elas eram tidas como “propriedade” de um aspecto masculino.

Efetivamente, foi graças a mulheres revolucionárias capazes de enfrentarem o preconceito vivenciado dentro e fora de campo, a falta de investimento e estrutura no esporte feminino, e outros empecilhos mais, que a imagem de uma mulher em um ambiente tão intolerável a ela foi incômoda o suficiente para não haver escolha a não ser admiti-la no

espaço (Haag, 2018). Devido a essas pioneiras, como Luci foi na cidade de Jacareí e no Vale do Paraíba, mulheres foram ganhando mais espaço e primordialmente, voz.

Mediante a todas as dificuldades expostas no texto, a maior justificativa para que mulheres fossem barradas de praticar o futebol, mais especificamente durante a ditadura militar brasileira, era que o corpo feminino era frágil e efetuar práticas corporais seria arriscado, pois poderia advir em um metabolismo infértil, o que para a época era inadmissível, afinal mulheres tinham que ser mães cuidadoras do lar e da família tradicional. Entretanto, em virtude dos estudos e pesquisas atuais que a medicina proporciona, é explícito o quanto se tratava de um discurso raso e vazio, uma vez que a simples vivência esportiva não altera negativamente o corpo feminino (Rubio; Veloso, 2019).

Não, tive nada não. Eu joguei grávida de até três meses.
Eu joguei grávida (Luci Rocha).

Inegavelmente, sendo levado o conhecimento e percepção social da época, nos dias atuais é válido o discernimento crítico apontando que os devidos argumentos utilizados na época tinham como propósito excluir as mulheres dos esportes como um todo. É importante salientar que tal crença era tão massivamente disseminada que perdura até hoje no pensamento de vários indivíduos. Durante o período ditatorial, a opressão e manipulação de fatos era tão recorrente e presente na vida dos(das) brasileiros(as) que um argumento contra o governo não era propagado e muito menos validado, afinal apenas o que os militares apoiavam era certo e correto. Logo, falas e ações machistas se tornaram tradicionais e naturais de serem observadas e romantizadas pela sociedade.

Ah é uma inovação, porque naquele tempo quem entendia de futebol e podia ensinar era homem, então não existia mulher que entendia de futebol para poder ser uma técnica, uma treinadora naquele tempo, então hoje tá evoluído, porque hoje mulher tá entendendo de futebol, o que é o futebol [...] (Luci Rocha).

Analogamente a citação acima, o futebol de mulheres daquela época, quando comparado aos dias atuais, evoluiu em diversos aspectos, não somente em táticas, técnicas, mas sim nos recintos ocupados, na voz e respeito conquistado e principalmente nos sonhos que puderam ser alcançados. Após décadas de muita perseverança e luta, hoje as mulheres não estão apenas nos campos, elas são narradoras, jogadoras, comentaristas, jornalistas esportivas e muito mais, de outras maneiras elas são o que elas quiserem ser (Lima; Maldonado, 2023), sendo esses saberes de resistência que precisam ser discutidos nas aulas de Educação Física em toda a Educação Básica, principalmente se os professores e as professoras do componente problematizarem a relação entre prática corporais-mundo, ou seja, todas as danças, lutas, esportes, ginásticas, jogos e brincadeiras possuem saberes históricos, sociais, políticos e econômicos relevantes para conscientizar os(as) jovens sobre a realidade material opressora evidente no sistema capitalista (Maldonado, 2024).

É gratificante e essencial que meninas compreendam o poder de suas vozes, mulheres unidas conseguiram desconstruir padrões milenares na sociedade e provaram que não vão ficar caladas diante de absurdos proferidos e normalizados. Em síntese, mulheres continuarão a batalhar por suas ambições e não há nenhuma circunstância capaz de pará-las.

Dessa forma, o estudo articulado no decorrer do texto expressa a história de Luci Rocha a partir de uma revisão crítica recente, entretanto um ponto a ser destacado durante os relatos é o descaso com uma história tão rica e significativa para a região culturalmente.

[..] É um passado que levou o nome da cidade em São Paulo, no Rio de Janeiro, né? Nós fomos em Barra Mansa, nós fomos em Resende, no Vale do Paraíba todo mundo conhecia Jacareí, por quê? Por causa do futebol feminino, só que ninguém deu a mínima importância, sabe? Ninguém se importou, ficou no esquecimento, quem está agora lembrando e fazendo isso é o professor, eu e o senhor, que estamos relembando, vocês também,

né? É uma história do passado, que foi muito importante para a cidade, porque o nome da cidade foi levado aqui para o Vale do Paraíba todo, em São Paulo, mas caiu no esquecimento e eu acho que devia sim ser tomado como patrimônio histórico, devia sim, sabe? Fazer um estudo, uma história, contar uma história, né? Fazer um, pelo menos um tipo de uma exposição, alguma coisa que, que lembrasse, né? Que olha o arquivo que eu tenho, eles não sabem que eu tenho esse arquivo, eles não sabem, então eu acho que eles deviam se interessar mais pela história do futebol feminino na nossa cidade (Luci Rocha).

Naturalmente, diante do debate referido na pesquisa, as mulheres muitas vezes foram silenciadas e de maneira não distinta suas histórias também. No mundo vigente, à pretexto da globalização, tudo se atualiza a cada instante, os indivíduos vivem em um ciclo vicioso de novidades imediatas e são bombardeados por diversas notícias sobre os mais variados ramos da sociedade, em suma, é nítido que o passado não é relevante, tendo em vista a liquidez da modernidade e a transformação das pessoas em mercadora (Bauman, 2008).

Enfim, memórias como a de Luci Rocha, uma personagem de destaque e valor no Vale do Paraíba, ainda não teve a sua história relembrada da forma merecida. Infelizmente, a trajetória de vida de uma mulher tão inspiradora apenas está se transformando em ciência décadas depois de seu apogeu, em função de nenhum órgão público ou educacional se envolver na causa de resgatar o histórico da cidade até então. Mesmo com feitos grandiosos e pertinentes, uma mulher precisa se defrontar com muitos desafios para ter o apropriado reconhecimento.

Para finalizar essa categoria temática, o último relato a ser apresentado é uma mensagem de Luci para as meninas que sonham com o esporte.

Ah eu tenho que dizer, se você gosta do futebol, se você, né? Se interessa por futebol siga seu sonho, siga o seu sonho, porque hoje você tem chance, eu não tive chance, eu tive chance de jogar num tempo proibido e hoje em dia com toda essa liberdade, quem dera eu ter os meus dezoito, vinte anos agora, jogando num time estrangeiro, né? Jogando na seleção brasileira, se é que um dia eu ia

ter chance, mas era o meu sonho, né? Então, eu acho que siga o seu sonho, seja uma pessoa livre para decidir a sua vida e acho que com muito respeito, né? Porque futebol exige, exige muito respeito dentro de campo pelos adversários, que é coisa que a gente não vê hoje muito mais, né? Futebol masculino tem muita briga, muita confusão, muito, né? E hoje em dia a única coisa que eu tenho de dizer, siga seu sonho com muito respeito, com muito carinho, quem sabe um dia você chega a seleção Brasileira e quem sabe em um time europeu, né? É isso (Luci Rocha).

Em conformidade com o fragmento exibido, o legado deixado pela camisa 10 do Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí, é que as meninas mais novas que almejam um dia ser esportistas sonhem, conquistem, se dediquem, sejam inteligentes e acima de tudo sejam apaixonadas por seu trabalho, pois é um privilégio assumir posições de destaque no esporte. Portanto, sempre é preciso lembrar que as jogadoras de futebol das novas gerações representam não só a si mesmas, mas também aquelas mulheres que lutaram pelo reconhecimento durante anos (Goellner; Kessler, 2018), tendo o dever de continuar esse processo de resistência até quando necessário, pois as batalhas vencidas até os dias atuais podem ser utilizadas como memórias inspiradoras e de resistência.

Personagens importantes para a consolidação do futebol de mulheres na cidade de Jacareí

Primordialmente, o time feminino do Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí necessitou de uma iniciativa principal para que a equipe se consolidasse. Tendo em vista esse cenário, é de suma importância que exista uma discussão sobre os personagens que tornaram essa ideia em um projeto íntegro. Por conseguinte, dos materiais de estudo proporcionados, evidencia-se Geraldo Rocha como treinador do time. Ao adentrar-se em uma análise mais profunda perante a entrevista

realizada com Luci Rocha, faz-se possível o reconhecimento mais detalhado dessa pessoa.

Como destacado anteriormente, Geraldo Rocha é pai de Luci, logo a relação entre os dois era bem próxima. Em seus relatos, exibidos na categoria temática que relatou a história da camisa 10, ela retrata o carinho e proximidade que tinha com sua figura paterna. Ademais, determinado apreço pelo pai também é esclarecido na sua relação em campo e até comprovado em suas vitórias pelo Vale do Paraíba e região.

Geraldo nunca chegou a construir uma carreira profissional no esporte como jogador, apenas como treinador e, nesse cargo, foi como adquiriu destaque. É importante salientar que um homem iniciar um time de futebol de mulheres em meio a ditadura militar é uma atitude vanguardista e desafiadora que merece o devido respeito.

Certamente, o preconceito com jogadoras no esporte é articulado principalmente por homens, considerando-se que a sociedade foi arquitetada sob uma concepção machista e misógina forjada pelo patriarcado, portanto mulheres sempre foram vistas como inferiores e submissas quando comparadas ao homem. Ainda assim, em um ambiente predominante masculino, um treinador foi capaz de enxergar além do machismo que deturpa a imagem feminina e conseguir erguer ânimo para quebrar esses estigmas.

É digno de admiração a prontidão para principiar um projeto de grande porte e visando o triunfo das mulheres no futebol, entretanto não havia apoio o suficiente para o time se manter, uma vez que o Ponte Preta Esporte Clube somente cedia o campo e nada mais.

A parte financeira, porque os diretores do Ponte Preta no começo até que dava alguma ajuda, mas depois passou a não ajudar quase em nada mesmo, porque quem fazia todas as despesas era o meu pai (Luci Rocha).

Desse modo, toda a infraestrutura necessária para a formação e desenvolvimento da equipe foi bancada por Rocha. Além de exercer a função de maior investidor do time, Geraldo também era o treinador,

dessa maneira toda a desenvoltura das jogadoras era responsabilidade dele.

Nota-se que, em seus ensinamentos, ele sempre prezou por realizar diálogos de forma paciente e respeitosa. Conforme a notícia de que havia um time de futebol de mulheres na cidade se popularizou, não é de se vislumbrar que na mesma proporção houveram mais jogadoras interessadas em participar, pois em campo existiam pessoas aptas a reconhecer seu potencial e propiciar que ele fosse exercitado.

Então, elas iam chegando. “Ai seu Geraldo quero jogar”, “Mas você sabe jogar bola?”, “Não, não sei seu Geraldo, eu nunca coloquei o pé em uma bola”, aí meu pai com toda paciência do mundo ensinou a chutar bola, a correr com a bola no pé, né? Ensinou praticamente tudo, porque naquele tempo menina não chutava bola, não brincava com bola igual brinca agora, né? Então, foi assim uma coisa difícil para meu pai e difícil pra elas pegarem o jeito, né? De correr com a bola no pé e de fazer alguma coisa em campo, e principalmente as posições em campo, né? (Luci Rocha).

Como pode ser observado no relato acima, apesar das dificuldades para ensinar o futebol de mulheres, isso nunca limitou o treinador. Outro ponto que deve ser ressaltado, é que decerto em um espaço que uma mulher se sente pertencente, nitidamente haverá um interesse do público feminino, visto que dificilmente lhes foi cedido um local para poderem manifestar seus interesses, paixões e muito menos um lugar em que elas eram prioridade e tinham como objetivo principal desenvolver suas habilidades e desejos.

É válido realçar que em dado momento histórico ser treinador era uma posição unicamente masculina, ou seja, não existia a possibilidade de mulheres atuarem nessa posição.

Só homem, só meu pai, não teve, em Taubaté também não teve que eu lembre não (Luci Rocha).

Seguramente, assumir a responsabilidade de ser treinador de um time demanda muita dedicação, didática e esforço, independente do

esporte, gênero ou federação envolvidos. No entanto, ao atentar-se ao fato de que no período em questão a mulher era vista como propriedade de seu marido, ou pai; e tal crença perpetuou por décadas na sociedade, é relevante constatar como ocorria a relação entre os(as) familiares, jogadoras e profissionais abrangidos(as).

No Ponte Preta mais ainda, meu pai ensinou uma mulher casada a chutar bola, a jogar bola e o marido no lado do campo com filho, segurando pela mão, sabe? Ajudando, dando a maior força pra mulher (Luci Rocha).

Como pode ser observado no fragmento acima, Luci detalha que o relacionamento entre os(as) comprometidos(as) no processo, sendo diretamente incluídos(as) ou não no jogo de futebol, era levado de modo tranquilo. É importante salientar que, notoriamente o homem, majoritariamente das vezes, tem a carência de reafirmar a sua posição de poder e autoridade, a fim de mostrar que quem determina todos os fatores e setores daquele recinto é ele.

O ponto principal a ser inspecionado é que, existia uma certa dificuldade em um marido aceitar a “sua” mulher recebendo tutoria e obedecendo outro homem, pois isso significava ela estar “submissa” a alguém que não ele. Por meio de um panorama racional e crítico, atualmente é possível compreender a problemática de todo o cenário precário criado, afinal nenhuma mulher é propriedade de ninguém e muito menos deve estar submetida a ser menos que um homem pelo seu gênero.

Todavia, meramente do Ponte Preta Esporte Clube - Jacaré e com Geraldo Rocha, toda a associação vinda de familiares e o treinador era levada com muito respeito. Como sua filha ressalta, os maridos até mesmo apoiavam e ficavam fora de campo vendo suas esposas jogarem e ainda cuidando dos filhos do casal.

Evidentemente, essa é a história em específico do clube, porém em outros ambientes ao redor da região e do mundo como um todo, a aceitação foi um processo lento e que exigia muito mais tempo,

paciência e reeducação dos indivíduos, pois quebrar padrões instaurados na base das convicções sociais da coletividade é um desempenho complexo quando analisado de forma minuciosa e individualista.

Embora toda a movimentação de Geraldo Rocha seja honrada e proeminente, existem arquivos que não devem ser excluídos do estudo e podem ser averiguados sobre uma visão crítica atual.

Geni, a zagueira central, é a mais técnica, segundo Geraldo Rocha, seu técnico:

- Ela dá cada matada no peito, que deixa muito homem de água na boca. E olhe que ela tem seios grandes, hein!!¹².

Em virtude da citação proferida acima, torna-se viável a contestação do trecho retirado de um jornal em questão. É evidente que a sexualização do corpo feminino é um estorvo vivenciado pelas mulheres desde o princípio, a partir do momento em que uma menina se entende por si só, em outras palavras, quando ela se concebe como indivíduo capaz de ter suas opiniões, posicionamentos e experiências próprias, acaba tendo a sua inocência tirada de si. Nesse cenário, desde a infância, a mulher recebe olhares e julgamentos sobre seu corpo, sejam eles negativos ou positivos, sexualizados ou não, acarretando em um processo de controle.

Similarmente, toda a problemática envolta nesse estalão é refletida na vida cotidiana feminina, em costumes, valores e até mesmo preconceitos. Em síntese, durante a vida de uma mulher ela sempre se atentará, conscientemente ou não, que há alguém observando seu corpo, pois isso foi normalizado pela íntegra história da humanidade.

Associando-se ao cenário brasileiro e futebol, mais especificamente a história do Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí, cabe enfatizar a importância de Geraldo Rocha e suas atitudes progressistas, entretanto havia falas e posicionamentos do treinador que hoje são

¹² PARISI, Vicente. Ponte, um time para nenhum homem botar defeito. *A Gazeta*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

deliberados como preconceituosos. Devido a falta de material empírico necessários, não se pode obter qual foi a real intenção da fala, de outra maneira, se os comentários tiveram uma matriz machista ou se era para “agradar” a imprensa e governo da época, visto que tais discursos eram naturalmente articulados. Entretanto, é incabível aceitar falas que eram ditas no passado como “normais” nos dias de hoje. Por consequência de muita luta e resistência feminina, a sociedade enxerga tais atitudes como preconceituosa e machistas.

Adicionalmente à discussão da sexualização da mulher no esporte (Santos *et al.*, 2024), outro fato a ser debatido com base no acervo histórico proporcionado é o processo de aceitação e oficialização do futebol de mulheres no Brasil.

- Isto não é verdade - diz Astrogildo, um dos técnicos da Ponte Preta de Jacareí. Nós estamos pensando mesmo em organizar uma comissão para ir ao CND, mas nada de pressão.

- Eu não acredito que o CND vá proibir, acho que não deve fazer isto. As moças gostam de futebol, é um esporte, (Geraldo Rocha, o outro técnico do Ponte Preta).

E explica:

- Nós não queremos profissionalizar o futebol feminino, seria um absurdo. Só queremos é dar às moças o direito de elas praticarem um esporte de que gostam. Só competem entre elas mesmas. Moça pratica judô e o professor se agarra com ela para ensinar: não é pior?¹³.

Mas Astrogildo e Geraldo acham que este time pode ir longe também. Para isso, é preciso jogar. As moças ficam alegres quando ouvem falar que muitas outras cidades estão formando seus times femininos. Só que ninguém pensa em torneios¹⁴.

Verifica-se nos textos acima duas conjunturas relevantes: o descaso em profissionalizar o esporte praticado por mulheres na época

¹³ SILVA, José Campos. Nossas mulheres vão ao futebol. Para jogar. *A Gazeta*, São Paulo, 7 jan. 1970. p. 16.

¹⁴ PARISI, Vicente. Ponte, um time para nenhum homem botar defeito. *A Gazeta*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

e a presença de outro treinador no Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí. Astrogildo era a pessoa que cuidava do time quando Geraldo Rocha estava envolvido com questões de trabalho e também ajudava organizando os treinos, segundo a fala apresentada por Luci Rocha na entrevista.

A priori, o contexto histórico em que todos os feitos e eventos contados no artigo se situam é na ditadura militar. Assim, se torna importante destacar que o futebol de mulheres era proibido por lei, ou seja, era claramente um crime e como apontado nas falas acima, os treinadores do time, Geraldo Rocha e Astrogildo, buscavam confrontar o CND (Conselho Nacional de Desportos - órgão público responsável por arbitrar a prática esportiva), a fim de descriminalizar a prática, mas não oficializá-la.

Indubitavelmente, os treinadores merecem a condecoração e apreço por defrontar uma instituição pública, especialmente durante um período opressor, em prol dos direitos femininos de jogar futebol de forma digna e com a devida estrutura necessária, além de exigir que eles fossem fielmente construídos. Esse processo pode ser considerado, de fato, um ato de coragem. Porém, ao analisar minuciosamente o que eles reivindicavam, ainda há o que criticar, uma vez que prezavam pela descriminalização do esporte, mas não em considerá-lo uma prática oficial, visto que era realizado por mulheres, logo não merecia ser tratado com tanta seriedade. Isto é o que se pode apurar diante da análise do material proporcionado.

Novamente, não há como concluir se Geraldo e Astrogildo disseram tais falas para levar o todo processo com calma e o governo vigente não se sentir desrespeitado de forma direta, assim não iriam correr riscos de acabar com o clube, ou serem presos; ou se essa realmente era a intenção dos dois. De todo modo, ainda sim o esporte praticado por mulheres não era retratado com o devido respeito, em razão de ser praticado por atletas que muitas vezes são banalizadas e

desrespeitadas em seus sonhos e lutas, além de que seus direitos foram conquistados pela insistência, não porque julgam a causa importante.

Outro ponto relevante é a presença de outro treinador no time do Ponte Preta que nunca foi citado por Luci ao longo da entrevista. Entretanto, os materiais concretos de pesquisa revelam a existência de Astrogildo. Não há evidências o suficiente para entender a sua colaboração com a equipe de futebol de mulheres, ou como e onde ele atuava, mas é considerável ponderar a sua aparição.

Por fim, a última observação crítica a ser feita é perante o fragmento a seguir, em que Rocha diz a respeito sobre seu trabalho com moças e rapazes.

Geraldo é tecnico de times amadores há 15 anos.
- Se é melhor lidar com moças ou com homens? Com moças. Elas têm certa dificuldade de assimilar um sistema, mas são obedientes, prestam atenção no jogo e no tecnico. Homem é teimoso, quer sempre *inventar* mais alguma coisa¹⁵.

Considerando sua fala, é visível os padrões femininos impostos sobre a mulher, que elas são quietas, delicadas, frágeis, obedientes e dóceis e quando comparadas aos homens é muito mais fácil de lidar, pois apresentam essas características que as tornam tranquilas de interagir, ou seja, são mais fáceis de manipular.

De certo, as mulheres sempre foram ensinadas a ter uma postura atrelada a feminilidade, por esse e outros motivos a sociedade e principalmente o patriarcado as encara como inferiores, como se elas não tivessem uma opinião bem formada, que só falam tolices e não possuem estudo ou conhecimento necessário para debater sobre assuntos sérios, ou realizar atividades que exigem mais de sua cognição, como o futebol, ou ambiente de negócios, por exemplo. Por outro lado, o homem é criado para ser ambicioso, esperto, prático, racional e provedor de tudo o que faz (Natt; Carrieri, 2016), por essa

¹⁵ PARISI, Vicente. Ponte, um time para nenhum homem botar defeito. *A Gazeta*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

razão Geraldo diz que são teimosos e sempre querem inventar, no caso seria ter uma opinião sobre tudo.

Em suma, durante uma parcela considerável da história o discurso societário oficial tentou encaixar homens e mulheres em padrões estabelecidos, mas que ainda trazem à tona. É rudimentar pensar atualmente que mulheres devem ser de submissas e homens líderes de tudo. Todavia, a contemporaneidade mostra que todos são capazes de realizar o que quiserem, independente do gênero e das dificuldades. Assim, homens e mulheres atingem patamares e batem recordes nunca vistos antes, seja no esporte, seja na política, seja em ações sociais, independentemente no âmbito, eles e elas superam esses moldes de comportamento diariamente.

Ademais, nos dias atuais deve-se analisar o indivíduo, não seu gênero, para se basear as suas tendências e características. Nitidamente a nova geração tem transparecido isso de forma latente, não há mais “o que é de menino” e “o que é de menina”, mas sim o que é de todos(as), o que o indivíduo quer. Esse debate se torna potente para ser realizado nas aulas de Educação Física Escolar que procuram problematizar as relações de gênero que atravessam as práticas corporais, procurando dialogar com os(as) estudantes que os padrões de gênero precisam ser desconstruídos na escola, possibilitando que todos e todas vivenciam e problematizem diversos temas da cultura corporal, sistematizando uma abordagem coeducativa que problematize a exclusão das atividades de ensino por nível de habilidade motora, machismo, sexismo e misoginia (Devide; Rocha; Moreira, 2020).

Em conclusão, portanto, é possível consumir que Astrogildo, e mais especialmente Geraldo Rocha, apesar do regime ditatorial do período e das crenças limitantes, fundaram um lindo e próspero trabalho, que foi reconhecido por todo o Vale do Paraíba e região, mas acima de tudo mantiveram seus valores em todo processo que foi símbolo de muito amor, resistência e dedicação, mesmo mantendo

comportamentos que podem ser considerados machistas no momento atual.

Geraldo Rocha e Astrogildo foram cumprimentados por Vicente Feola que elogiou o trabalho e dedicação e disse Não deixe isso acabar¹⁶ (A Gazeta- 1969).

Momentos memoráveis para o Ponte Preta Esporte Clube

Decerto, o time de futebol de mulheres do Ponte Preta Esporte Clube - Jacareí, contenta-se com uma importante participação na consolidação da prática pelo Vale do Paraíba e região, além de ser exemplo e símbolo de força e resistência durante a ditadura militar. Logo, é inevitável que haja uma categoria temática, prontamente, para reverenciar e refletir sob uma interpretação contemporânea, os atos e feitos, da equipe no decurso de sua jornada.

Ó, esse é o time, inclusive a camisa que eu te falei é essa aqui, nós emprestamos da Fabaraço, porque nós não tínhamos o jogo de camisa. O Idesa veio aqui jogar em Jacareí e foi a revanche, o jogo da revanche, nós ganhamos de três a um delas lá no campo do Taubaté e elas vieram jogar aqui, aqui o campo ficou lotado a arquibancada não cabia uma pessoa, ficou lotado, e nós ganhamos de dois a zero aqui de novo (Luci Rocha).

Imagem 3 - Campo do Taubaté nas preliminares do jogo com o São Paulo Futebol Clube válido pelo campeonato paulista no final da década de 1960.

¹⁶ PARISI, Vicente. Ponte, um time para nenhum homem botar defeito. *A Gazeta*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.



Fonte: Arquivo pessoal de Luci Rocha.

Preliminarmente, no decorrer da entrevista realizada com Luci, o primeiro ponto levantado sobre esse tema e que continuou ao longo de toda conversa, foram os jogos em que ela esteve presente. Portanto, pode-se relatar com autoridade como foi a sua experiência, o placar final dos jogos, mas principalmente, o que aconteceu nas partidas, o que pode também ser destrinchado e analisado como material de estudo paralelamente.

Posto isso, a imagem e texto apresentados acima exibem um jogo em específico que aconteceu em Jacareí. Nesse relato, Luci Rocha conta da partida contra o Idesa (time de Taubaté), de forma rasa apenas para evidenciar os fatos, no entanto ela aborda uma dificuldade sofrida pelo time, no caso, a falta de uniformes.

A priori, o empecilho tratava-se “somente” de um contratempo, porém é importante lembrar que essa “inconveniência” é base para uma ferida que sangra até hoje no futebol de mulheres nacional.

A falta de investimento nessa prática da cultura corporal é um problema antigo na história no esporte, como pode ser comprovado diante da exposição descrita. Ao analisar a questão sob um olhar minucioso, a problemática perdura até os dias atuais em virtude de uma sociedade machista e misógina que não credibiliza a mulher pelos

seus feitos e muito menos tenta alavancar seu sucesso de maneira positiva, uma vez que o ódio contra mulheres é normalizado.

Ainda nessa perspectiva, o patriarcado composto por homens egoístas e ignorantes para aceitar as mudanças do mundo, financiam um sistema esportivo que fecha as portas para atletas com imenso potencial a ser desenvolvido, mas que não são consideradas boas o suficiente para receber uma posição de destaque, ou o devido reconhecimento que elas merecem e batalham durante toda a carreira (Rosa *et al.*, 2018).

Entretanto, atualmente, sabe-se que as mulheres são capazes de consumir as mesmas atividades que um homem, ou seja, não há argumentos sólidos para estruturarem esse machismo enraizado nas crenças sociais, como por exemplo, a falta de intelecto feminino para esportes mais complexos. Em resumo, o ego dos homens fala mais alto em diversas situações, não permitindo que muitas jogadoras tenham acesso a infraestrutura necessária para desenvolver seus sonhos.

Por conta desse cenário, atletas masculinos ainda arquitetam para não dividir o pódio com uma mulher, afinal “seria um insulto” para sua masculinidade se igualar, ou ser visto como inferior a tal. Essa realidade acaba se refletindo na própria legislação esportiva no território brasileiro, que não produz equidade de gênero e oportunidades justas entre homens e mulheres (Oliveira *et al.*, 2023). Em conclusão, a falta de uniformes vivenciada por Luci, é apenas uma pequena parte de um estorvo que assombra as jogadoras até hoje.

Novamente, a misoginia é uma infelicidade presente na vida de todas as mulheres, o ódio gratuito pelo simples fato de ser uma mulher é manifestado em palavras e ações com o intuito de machucar o indivíduo emocionalmente, fisicamente e psicologicamente, causando danos muitas vezes irreparáveis.

Uma vez, em 62, elas foram jogar em Barra Mansa. Esperavam, como sempre, aplausos na entrada do campo. Foram recebidas com cascas e bagaços de laranja

e até pedaços de garrafa. Ganharam de 3 a 0 e saíram ilesas de campo¹⁷.

Diante do fragmento acima, faz-se necessário uma discussão sobre o ocorrido. O texto retirado de um jornal na época, faz referência a um episódio em que as jogadoras do time do Ponte Preta foram recebidas de forma violenta e humilhante em campo. Inquestionavelmente, a sociedade como um todo explicita padrões provados no decorrer da história da humanidade, e infelizmente um deles é receber o que é diferente com violência e humilhação. Como tudo o que é anormal, ou seja, não habitual, é natural que gere um estranhamento à primeira vista e os indivíduos comentam sobre, a fim de buscar compreender o fato, porém a situação sai do controle quando eles retratam de maneira pejorativa as diferenças entre si.

Certamente, o futebol se constituiu sobre um viés extremamente masculinizado, em outras palavras, o esporte era majoritariamente masculino, e quando uma mulher tenta introduzir-se esse espaço reservado a ele, era subitamente afastada e censurada, pois ali não é o lugar dela, em tese.

Todavia, o ser humano tem o instinto de combater tais “ameaças” violentamente, o que não explica, teoricamente, o que aconteceu em Barra Mansa, mas pelo contrário, só reafirma o ambiente social doente e adulterado que a humanidade popularizou como natural. Ainda que fosse um período em que o preconceito era normalizado e não existia um pensamento crítico sobre tais temáticas, uma partida de futebol de mulheres não era motivo para produzir tal situação de discriminação.

É notório que a humilhação pública, apesar de violenta, não abalou o psicológico, nem o rendimento das jogadoras no jogo, pois elas venceram com uma grande diferença no placar. Mais uma vez, as atletas se mostraram ilesas a qualquer tipo de circunstância “capaz” de desestabilizar o time, independente dos obstáculos.

¹⁷ SILVA, José Campos. Nossas mulheres vão ao futebol. Para jogar. *A Gazeta*, São Paulo, 7 jan. 1970. p. 16.

Analogamente ao ocorrido, em função de não existir materiais e relatos o suficiente para estudo, não se pode concluir que a narrativa de Luci (constatada abaixo) é a mesma relatada acima. Tendo em vista essa circunstância, o fragmento destacado a seguir salienta outro ponto importante da discussão.

Em Barra Mansa também foi um grande jogo, nós jogamos a noite e elas tinham uma goleira muito boa, mas eu, eu tinha um truque, quando eu ia cobrar escanteio eu já sabia que eu ia, eu ia praticamente chutar pro gol, fazer a bola fazer a curva, aqui no Ponte Preta a única que fazia isso era eu e eu consegui treinar duas meninas, uma pra ficar do lado e a outra pra ficar na frente da goleira, então era um truque meu, eu falava “Ó, quando eu pegar a bola e for para o escanteio vocês tentam dar uma travada disfarçada para juiz não perceber, mas trava um pouco a goleira que eu vou tentar chutar pro gol” e foi o que eu fiz lá em Barra Mansa, elas ficaram mais ou menos ali né, disfarçando ali e tal, atrapalhando um pouco a goleira e eu chutei a bola e marquei um gol olímpico lá (Luci Rocha).

É evidente que o time obteve um ótimo rendimento em campo, embora houvesse diversas dificuldades. Esses resultados ocorreram pelo fato das jogadoras colaborarem uma com as outras como uma equipe efetivamente, buscando serem as melhores juntas, sem qualquer tipo de ignorância ou ego interferindo nas relações, pois elas eram unidas por um amor em comum, o futebol.

O texto acima narra um episódio em que Luci só conseguiu marcar um gol, pois havia outras atletas para dar o suporte necessário. Logo, é explícito que o time de futebol de mulheres do Ponte Preta Esporte Clube realmente conhecia o esporte e o meio em que as atletas estavam inseridas, visto que elas atuavam juntas, procurando dar o máximo de si e encorajando o melhor umas nas outras. Em suma, era um time não composto por apenas um indivíduo com talento e dedicação, mas o coletivo que fazia a diferença.

É importante recordar, mais uma vez, que o contexto político da época era em meio a ditadura militar, portanto mulheres jogarem

futebol era proibido por lei, podendo até ocasionar em prisão caso fosse desrespeitada, porém não foi isso que impediu o time de jogar em vários campeonatos.

Então nós jogamos esse jogo em Taubaté o Laudo Natel, que era o presidente do São Paulo, ele se interessou que a gente fizesse um jogo lá, né? Só que a gente ia fazer a preliminar de um jogo de campeonato e com isso ele mandou um ofício pro General Elói que tomava conta do CND, né? Mas o general Elói diz que não, não autorizou e ainda ameaçou de penalizar o São Paulo ainda, se caso ele fizesse o jogo (Luci Rocha).

Referente ao conteúdo acima, há pontos a serem analisados individualmente: por que os militares reprimiram mulheres nas práticas corporais? Como isso reflete no esporte atualmente? E como as atletas lidavam com essa situação? Primeiramente, a opressão incorporada durante os governos ditatoriais era para todos(as) aqueles(as) que iam contra o que o Estado julgava como certo, ou verdadeiro, ou seja, tudo o que se opunha às suas crenças tradicionalistas e conservadoras.

Em síntese, havia um grande apelo para que a população brasileira fosse ao encontro de um comportamento forjado para a mulher ser mãe, dedicada apenas ao lar e a sua família, já o homem era o pai trabalhador e provedor da casa. Ambos são ideais que limitam os indivíduos restritos a padrões estabelecidos durante anos e que não acompanharam as mudanças da sociedade, isto é, não compreendem o fato de o ser humano é um ser social e que suas vontades, ambições e desejos não se enquadram a estereótipos.

Dessa forma, a suposta justificativa que explicaria o porquê de uma mulher não poder praticar esportes mais brutos é que, estes por sua vez, causariam danos ao corpo feminino produzindo um organismo infértil. Atualmente, as tecnologias disponíveis e os avanços da medicina mostram que tal apontamento é falso e pelo contrário, a vivência das práticas corporais, independente de qual seja, é boa para o metabolismo e ajuda positivamente as mulheres. Sendo assim, essa

justificativa se trata de uma alternativa criada pelo governo da época e que não apresenta embasamento científico algum, mas que se propagou como verdade, visando manter as mulheres no “molde adequado”, no caso, nos modelos conservadores em questão (Goellner, 2021a).

No entanto, essas atitudes tomadas originalmente, refletem nitidamente nos dias atuais. O Brasil, ainda que conhecido como país do futebol, quando se diz a respeito de futebol de mulheres, existe uma defasagem nítida, posto que a vivência da prática corporal pelas jogadoras só foi legalizada após a ditadura, ou seja, a menos de quarenta anos. Além disso, há preconceito e machismo instaurados na mente dos(das) brasileiros(as), assim, conseguir patrocínio, apoio, infraestrutura e times para jogar é uma tarefa difícil para as atletas, pois o esporte feminino está no processo de ser reconhecido e valorizado e visivelmente trata-se de um procedimento lento e demorado (Teixeira; Caminha, 2013).

Por fim, como relatado anteriormente, as atletas lidavam cuidadosamente com toda a situação, pois estavam em desvantagem quando comparado a força hegemônica de um Estado. Portanto, a única alternativa era resistir, de modo que o governo não se importasse com a sua presença, mesmo realizando atividades proibidas na época. Tal conjuntura gerou consequências positivas, uma vez que elas realizaram diversos jogos obtendo destaque, ademais são pioneiras no futebol e inspiração para novas gerações, mostrando que mulheres conseguem conquistar o que desejarem, já que independente das dificuldades existe sempre alguém disposto a ouvir a causa e batalhar por mudanças maiores e necessárias em diversas modalidades esportivas (Anjos *et al.*, 2018; Araújo, 2019; Elsey, 2019; Silva; Nazário, 2018).

Finalmente, o debate transcorrido nesse tema se encerra com jogos relevantes para o time, mas sobretudo para Luci, que foi a maior fonte de conhecimento e aprendizado durante o estudo.

Outra história, essa aqui tem história gente, mais uma história, eu não sei se essa tem foto ô, mas essa Seleção

Paulista de Vedetes elas formaram um time lá em São Paulo e levaram a gente pra jogar no Pacaembu a noite, jogamos no Pacaembu contra elas a noite, foi onde eu cobrei uma falta, meu pai me ensinou “Chuta”, porque eu chutava muito forte, meu pai falou: “Chuta sempre por cima, quando tiver a barreira chute por cima, porque se não vai causar algum estrago qualquer hora” e teve uma falta, e eu fui cobrar a falta e ficaram umas moças lá né na barreira e eu errei o chute e acertei uma delas na boca do estômago, uma bolada até homem cai, morre no campo, né? Quando toma uma bolada, fica sem ar, cai no chão, então eu acertei e ela saiu de maca e o juiz veio lá me deu uma bronca que se eu chutava forte daquele jeito, porque que eu não chutei por cima da barreira, aí eu falei pra ele: “Foi o que o meu pai falou, mas eu errei, perdão, mas agora já foi”, mas foi assim seleção Paulista, nós ganhamos delas de dois a zero no Pacaembu e depois elas vieram aqui e perderam de três a zero também (Luci Rocha).

Em Taubaté o Instituto Diocesano era o famoso, né? Era um time das estudantes, né? Que estudavam lá no Instituto e elas formaram esse time, e conseguiram vitória por todo Vale aí para baixo né? Só que não conhecia a gente ainda, aí teve uma vez, teve um dia que nós estávamos treinando aqui, chegou um moço elegante, veio conversar com o meu pai, e o pai pedindo, né? Se podia jogar lá, fazer preliminar no São Paulo lá e tudo bem, meu pai falou: “Não, nós vamos sim”, aí meu pai deu sinal pra mim, né? Que estava no treino, pra mim controlasse um pouco, sabe? Parasse um pouco, para ele não ver o meu jogo, pra ele não ficar, né? Mas mesmo assim ele ainda me marcou, porque quando nós chegamos lá, ele colocou uma em cima ali, pra marcar em cima mesmo, sabe? Para não deixar sair do lugar, mas olha nós jogamos, viu? Jogamos e jogamos muito, ganhamos de três a um (Luci Rocha).

Marcou todos na vitória de 3 a 1 sobre o IDESA e 1 dos 2 da revanche¹⁸.

Em conclusão, o time de futebol de mulheres do Ponte Preta Esporte Clube é digno de reconhecimento e admiração, pois essas jogadoras confrontaram o governo e ainda sim conseguiram tirar proveito da situação de forma honrosa, sem aceitar menos do que era

¹⁸ PARISI, Vicente. Ponte, um time para nenhum homem botar defeito. *A Gazeta*, São Paulo, s.d., 1969. s.p.

merecido, buscando serem aceitas da mesma forma que o futebol masculino, lutando por igualdade de gênero, contra o machismo e a política ditatorial. É uma equipe com uma trajetória inspiradora e que certamente marcou a história dessa prática corporal de forma única, podendo ser disseminada em aulas de Educação Física Escolar em todo o território brasileiro a partir do momento em que for publicada na literatura científica.

Considerações finais – a história das pioneiras do futebol de mulheres em Jacareí como saberes transgressores e de resistência que podem ser problematizados na Educação Física Escolar

Ao narrar a história de personagens que ajudaram na consolidação do futebol de mulheres durante a ditadura militar no Brasil e problematizar momentos memoráveis das partidas, treinamentos e obstáculos vivenciados para fortalecer a equipe, alcançamos o objetivo geral do estudo que foi compreender o processo histórico de resistência do futebol de mulheres da equipe formada no Ponte Preta Esporte Clube na cidade de Jacareí/SP, com a intencionalidade de produzir conhecimentos que possam ser problematizados na Educação Física Escolar.

Destacamos que os resultados dessa investigação concedem o estudo mais aprofundado sobre as relações de gênero do futebol de mulheres na cidade de Jacareí, mostrando um processo de resistência das jogadoras em um momento de proibição dessa prática corporal para as atletas.

Nessa perspectiva, a discussão realizada colabora para a construção de uma sociedade mais crítica e analítica perante os temas apresentados, especificando de forma minuciosa a relação da mulher com o esporte e todas as problemáticas envolvidas. Ademais, é importante salientar que o material acadêmico criado a partir do acervo histórico disponibilizado e da entrevista realizada contribui para a

consolidação de uma organização e iniciativa jacareense que cooperou no processo de resistência do futebol de mulheres durante a ditadura militar.

Sobretudo, a pesquisa discorre sobre os relatos de Luci Rocha e as reportagens de jornais publicadas entre as décadas de 1960 e 1970, a camisa 10 do time do Ponte Preta Esporte Clube, que junto ao seu pai e suas parceiras de campo, foram capazes de forjar uma equipe que marcou a história do futebol de mulheres no Vale do Paraíba e é inspiração para diversas meninas que sonham com o esporte. Infelizmente, Rocha não obteve a oportunidade de se desenvolver na modalidade esportiva, entretanto trilhou um caminho que jamais seria possível se ela aceitasse os determinantes sociais discriminatórios de sua época. Graças a seus esforços e resistência, hoje meninas podem sonhar em serem jogadoras profissionais, pois há quem as represente.

Logo, a trajetória do coletivo feminino apresentada revigora a consequência de um trabalho árduo para a quebra de um paradigma e que ainda continua em processo, visto que a luta começada a anos atrás não está completa. Atletas, mães, esposas, narradoras, jornalistas esportivas, comentaristas, técnicas e tantas mulheres que diversificadas profissões e funções sociais estão erguendo uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa, na busca pela efetiva representação e concretização de seus direitos, pois enquanto uma mulher estiver lutando por seu reconhecimento e respeito, todas estarão juntas à sua causa.

Portanto, Essas problematizações podem se tornar potentes para a organização de uma prática político-pedagógica crítica e transgressora da Educação Física Escolar (Maldonado; Freire, 2022; Maldonado; Neira; 2022; Maldonado, 2023), que leva em consideração os marcadores socioculturais (classe social, raça e gênero de forma interseccional) que atravessam as manifestações da cultura corporal como saberes relevantes para ampliar a leitura de mundo dos(das) estudantes que frequentam a Educação Básica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Diovanna Stelmam Negeski; MALDONADO, Daniel Teixeira. Futebol feminino no Brasil: problematizando saberes de resistência nas aulas de Educação Física Escolar. *Temas em Educação Física Escolar*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasmedfisicaescolar/article/view/3498>. Acesso em: 28 out. 2022.

ALCÂNTARA, Chellsea Hortêncio *et al.* Bolsa atleta e futebol de mulheres: caracterizando os últimos três ciclos olímpicos e as quatro copas do mundo. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 28, p. 1-17, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17250>. Acesso em: 15 mai. 2024.

ALENCAR, Sarah Lays da Silva. *A prática do futebol americano feminino no Brasília Pilots: comunicação, gênero e assédio*. 2020. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ALMEIDA, Caroline Soares. O estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. *Fulia/UFGM*, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14658>. Acesso em: 28 out. 2022.

ANDRES, Suélen de Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias esportivas de jogadoras de handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 527-538, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/79795>. Acesso em: 28 out. 2022.

ANJOS, Luiza Aguiar *et al.* Guerreiras Project: futebol e empoderamento das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8shcQYnCjtZTFXmP3pbZRNg/?lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2023.

ARAÚJO, Daniela Torres. *Lugar de mulher é no futebol: Dulce Rosalina e a representatividade feminina nas torcidas*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIRAN, Mark Daniel. As sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC feminino. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, e27005, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109357>. Acesso em: 28 out. 2022.

BONFIM, Aira. *Futebol feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história oficial (1915-1941)*. São Paulo, 2023.

BOSSLE, Fabiano. *O "eu do nós": o professor de Educação Física e a construção do trabalho coletivo na rede municipal de ensino de Porto Alegre*. 2008. 342 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BOSSLE, Fabiano. Algumas notas para a constituição de uma teoria pedagógica crítico-libertadora da Educação Física (Escolar): corpo do oprimido/corpo-consciente/onto-episteme. In: BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira. *Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023. p. 52-78.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

CARDOSO; Berta Leni Costa; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SANTOS, Doiara Silva. Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetórias de mulheres atletas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 139-154, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/46404>. Acesso em: 28 out. 2022.

COELHO, Márcio Cardoso; MALDONADO, Daniel Teixeira; BOSSLE, Fabiano. Professor de Educação Física (escolar) intelectual transformador: resistências ao modelo gerencialista e neoconservador da educação de mercado. *Conexões*, Campinas, SP, v. 19, e021027, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8660399>. Acesso em: 16 mai. 2024.

DEVIDE, Fabiano Pires. *Estudos de gênero na Educação Física e no esporte*. Curitiba: Appris, 2017.

DEVIDE, Fabiano Pires; ROCHA, Cristina Maria; MOREIRA, Izabela dos Santos. Coeducação e Educação Física Escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 11, n. 2, p. 48-60, 2020. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2420>. Acesso em: 16 mai. 2024.

DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Educação Física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2013.

ELSEY, Brenda. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. *FuLiA/UFMG*, v. 4, n. 1, p. 39-50, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14656>. Acesso em: 04 nov. 2023.

FERNANDES, Vera *et al.* Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 26, n. 3, p. 367-376, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/26009>. Acesso em: 04 nov. 2023.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GAMA, Gabriel Canuto Nogueira. Os caminhos do futebol praticado por mulheres no Brasil: entrevista com Silvana Goellner. *Fulia/UFMG*, v. 3, n. 3, p. 170-177, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14789>. Acesso em: 06 nov. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/106>. Acesso em: 04 nov. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 04 nov. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. *Revista do centro de pesquisa e formação*. n. 13, p. 99-112, 2021b. Disponível em:

<https://www.sescsp.org.br/dossie-corpos-generos-e-sexualidades-em-defesa-do-direito-das-mulheres-ao-esporte-silvana-vilodre-goellner/>. Acesso em: 04 nov. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana Ribeiro. *Futebol e mulheres: 7 histórias pioneiras*. Porto Alegre: Editora Grecco, 2022a.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana Ribeiro. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*. São Paulo: Ludupédio, 2022b.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. *Revista USP*, São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018. Disponível em: <http://jornal.usp.br/especial/revista-usp-117-a-sub-representacao-do-futebol-praticado-por-mulheres-no-brasil-ressaltar-o-protagonismo-para-visibilizar-a-modalidade/>. Acesso em: 04 nov. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MARTINS, Mariana Zuaneti. Mulheres e esporte: rotas investigativas, éticas e políticas. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 28, p. 1-15, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17266>. Acesso em: 15/05/2024.

HAAG, Fernanda Ribeiro. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mais eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 141-160, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73997>. Acesso em: 29 out. 2022.

LIMA, Ana Clara Bissoli; MALDONADO, Daniel Teixeira. Cultura corporal, relações de gênero e Educação Física Escolar: análise das publicações realizadas no blog Dibradoras. *Cenas Educacionais*, Caetité – Bahia, v. 6, n. 1-30, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/15573>. Acesso em: 04 nov. 2023.

LOPES, Amanda Maria Ramos; DANTAS, Marina de Mattos; SILVA, Silvio Ricardo. As estratégias da torcedora de futebol para se sentir segura no estádio. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 28, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17205>. Acesso em: 16 mai. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2003.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Por uma educação física escolar feminista. *Temas em Educação Física Escolar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 15 – 38, 2021. Disponível em: [28/10/2022. https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3135](https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3135). Acesso em: 28 out. 2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira. *A vida nas escolas: por uma prática político-pedagógica crítica na Educação Física Escolar*: Curitiba: CRV, 2023.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física Escolar, pensamento freirano e pedagogia crítico-libertadora. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 39-59, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/71968/38661>. Acesso em: 16 mai. 2024.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. Produção curricular na área de Educação Física: possíveis apontamentos de uma virada epistemológica no cotidiano escolar. In: FREIRE, Elisabete dos Santos *et al. Saberes de professores e professoras de Educação Física: docência, pesquisa e o currículo em ação*. Curitiba: CRV, 2022. p. 39-56.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Resistências e Transgressões na prática político-pedagógica da Educação Física. *Currículo sem Fronteiras*, v. 22, e1866, 2022. Disponível em: <http://curriculosemfronteiras.org/vol22articles/maldonado-neira.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2023.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphael Moreira. *Educação Física Escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica*. Curitiba: CRV, 2022.

MARIANTE NETO, Flavio Py; WENETZ, Ileana. Mulheres no boxe: negociações de masculinidade(s) e feminilidade(s) na academia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 28, e28004, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/111694>. Acesso em: 28 out. 2022.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e

raça no Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, e27006, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109328>. Acesso em: 28 out. 2022.

MONT ALVERNE, André Luis do Nascimento; MALDONADO, Daniel Teixeira. Evidências em experiências político-pedagógicas de professores(as) de Educação Física Escolar no tensionamento das temáticas de gênero e sexualidade. *Temas em Educação Física Escolar*. Rio de Janeiro, v. 9, p. 1-26, 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4008>. Acesso em 16 mai. 2024.

NATT, Elisângela Domingues Michelatto; CARRIERI, Alexandre de Paduá. É para menino ou para menina? Representações de masculinidade e feminilidade. *Revista Latino-americana de Geografia e gênero*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 109-131, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7385>. Acesso em: 16 mai. 2024.

NICOLINO, Aline da Silva; OLIVEIRA, Valléria Araújo; ROSA, Milena Louise Rodrigues. Futebol de mulheres! É preciso entrar em campo, driblar as desigualdades e golear opressões. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 28, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17246>. Acesso em: 15 mai. 2024.

OLIVEIRA, Elmadan Dias *et al.* Uma análise da lei Pelé e as dificuldades de paridade de gênero no futebol. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v. 9, n. 11, p. 1037-1050, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12515>. Acesso em 16 mai. 2024.

OLIVEIRA, Mariana Gomes; MALDONADO, Daniel Teixeira. Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a Educação Física no Ensino Médio. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/73498>. Acesso em: 28 out. 2022.

PEREIRA, Dimitri Wuo; SOUTO MAIOR, Yasmin Brito; RAMALLO, Bianca Trovelo. Perfil das mulheres escaladoras brasileiras, entre homens e montanhas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, e26077, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/104869>. Acesso em: 28 out. 2022.

ROSA, Marcelo Victor *et al.* Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. *Revista Gênero*, v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/46923/26914>. Acesso em: 08 jul. 2023.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Revista USP*, n. 122, p. 49-62, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/162617>. Acesso em: 31/10/2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano 1, n. 1, jul. 2009.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro *et al.* Gênero feminino, corpo e sexualidade no esporte: os uniformes das atletas nas Olimpíadas de Tóquio. *Mídia e Cotidiano*, v. 18, n. 1, p. 236-251, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/57098>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SERVADIO, Nathália Cristina; ALTMANN, Helena. Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do Projeto Futebol Feminino Campinas/SP. *Fulia/UFMG*, v. 8, n. 3, p. 82-116, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/45278>. Acesso em: 25 mai. 2024.

SILVA, André Luiz dos Santos; NAZÁRIO, Patrícia Andrioli. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/jPWFxS6LTsndSZ9VBXXRpMC/?lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SILVA, Fabiana Duarte *et al.* Memórias de Atenah: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, e26076, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/100848>. Acesso em: 31 jan. 2021.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Gabriela Conceição *et al.* Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 2, p. 409-429, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/38865>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SCHULTZ, Michele. Machismo: toxina que degrada o meio esportivo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 35, n. especial, p. 71-76, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187907>. Acesso em: 04 nov. 2023.

TEIXEIRA, Fábio Luis Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/30943>. Acesso em: 04 nov. 2023.

Ana Clara Bissoli de Lima: Estudante do curso técnico em Administração integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo – campus Jacareí/SP. Bolsista de iniciação científica. E-mail: lima.clarab19@gmail.com

Daniel Teixeira Maldonado: Doutor em Educação Física. Pós-Doutor em Educação. Docente de Educação Física do Instituto Federal de São Paulo – campus Jacareí/SP. E-mail: danielmaldonado@yahoo.com.br